

Desacontecimento na imprensa paulista: pesquisa exploratória sobre a noticiabilidade do cotidiano na cobertura de fatos não marcados dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*

Unhappenings as news in the São Paulo press: exploratory research on the newsworthiness of everyday life in the newspapers O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo

Tayane Aidar Abib¹ⁱ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2110-6640>

Recebido em: 12/06/2023. Aprovado em: 08/08/2023

Resumo

Este artigo mapeia, por investigação exploratória, a noticiabilidade do Desacontecimento na imprensa contemporânea, a saber: a cobertura de fatos não marcados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de São Paulo*, no período de 2015 a 2020. Enquanto código de produção informativa centrado na narrativa do cotidiano de sujeitos ordinários, o Desacontecimento configura-se a contrapelo do *newsmaking* hegemônico, orientado por critérios de desvio e proeminência social. Interessa identificar, neste estudo, como tal cotidianidade é noticiada, nos termos das resistências íntimas e sociais da vida comum, de modo a refletir sobre as lacunas e potencialidades de sua manifestação nas editoriais informativas, e assim tecer reflexões para a articulação de sua noticiabilidade ao cenário jornalístico contemporâneo.

Palavras-chave: jornalismo; desacontecimento; critério de noticiabilidade; cotidiano; imprensa paulista.

Abstract

This article maps, through exploratory research, the newsworthiness of the Unhappenings in the contemporary press, namely: the coverage of unmarked facts in the newspapers “*O Estado de S. Paulo*” and “*Folha de São Paulo*”, in the period from 2015 to 2020. As an informative production code centered on the everyday narrative of ordinary subjects, Unhappenings is configured against the grain of hegemonic newsmaking, guided by criteria of deviation and social prominence. It is interesting to identify, in this study, how such everyday life is reported, in terms of the intimate and social resistances of common life, in order to reflect on the gaps and potentialities of its manifestation in informative editorials, and thus weave proposals for the articulation of its newsworthiness to the contemporary journalistic scene.

Keywords: journalism; unhappenings; news value; daily life; são paulo press.

¹ Jornalista. Mestre e Doutora pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Desenvolveu pós-doutorado na Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: tayaneaabib@gmail.com
Comunicação & Inovação | v. 24 | e20239139 | jan.-dec. | 2023 | ISSN 2178-0145. <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e20239139>



Introdução

Este artigo se dedica a pesquisar, em linhas gerais, a articulação da matriz provocativa do Desacontecimento à cobertura noticiosa da imprensa contemporânea. Considerando-a uma noção que desestabiliza a semântica convencional do *newsmaking*, centrada no relato de fatos marcados pelos critérios de desvio e proeminência social (Sodré, 2009), o Desacontecimento mobiliza uma dinâmica produtiva divergente, orientada à dimensão da cotidianidade dos sujeitos ordinários, à captura informativa por apuração dialógica e à redação que se assume em mediação autoral.

Como modo de escrutinar a manifestação do Desacontecimento nas coberturas informativas realizadas pela imprensa, especificamente nos termos do saber de reconhecimento (Traquina, 2008), ou de sua noticiabilidade, desenvolve-se um estudo exploratório junto aos periódicos paulistas de maior circulação nacional na atualidade (*Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, segundo dados IVC Brasil 2020), em recorte temporal que abarca os anos de 2015 a 2020. Por um mapeamento dos registros jornalísticos que se operacionalizam pela matriz do Desacontecimento, inscreve-se o objetivo deste artigo no âmbito do seguinte eixo indagativo: a) como se configura a noticiabilidade do cotidiano tecida pelos fatos não marcados na cobertura informativa da imprensa paulista referencial?

O *corpus*, amplo e diverso, inclui 3.650 edições de jornais, consultadas nos acervos digitais, públicos e gratuitos de cada um dos veículos em questão, por uma leitura flutuante (Bardin, 2016) que buscou a organização e exploração prévia dos textos, para a constituição de uma amostragem de conteúdo correspondente ao escopo do Desacontecimento nos parâmetros delineados por projetos anteriores (2015, 2017, 2021). A delimitação das peças informativas sob tal contorno realizou-se em função do fundamento definidor da matriz: a noticiabilidade conferida às dimensões do cotidiano e dos sujeitos anônimos, entendendo-se a cotidianidade como espaço-tempo de ações e relações de resistência ante a adversidades de ordem subjetiva, social, política ou econômica (Esquirol, 2009; Certeau, 1994).

Assumindo-se o interesse deste estudo em se ater ao saber de reconhecimento (Traquina, 2008), e para fins de esclarecimento teórico-metodológico, posiciona-se, desde aqui, um olhar de pesquisa orientado a evidenciar, nas matérias mapeadas como Desacontecimento, um tal cotidiano de resistências nos termos dos movimentos que



empreendemos ora em via íntima, ora em via política e coletiva - isso é, ora no âmbito dos diminutos que sustentam e conferem simbolismo à vida privada, ora no âmbito das virações que se articulam como ética de tenacidade para lidar com o sistema econômico e cultural vigente. Nesse sentido, a organização do material que será apresentada nos tópicos seguintes deste artigo faz-se para investigar a noticiabilidade do protagonismo humano em Cotidianidade dentro das chaves da resistência pela via dos sentidos e pela via das astúcias sutis.

Ao levantamento quantitativo de sua presença nos jornais mapeados, procede-se com uma análise qualitativa dos critérios noticiosos acionados em peças textuais tomadas como representativas para reflexão, em diferentes cadernos informativos, de modo a avançar a discussão sobre as lacunas e potencialidades do escopo, assim como de abordagens narrativas possíveis à cena jornalística, especialmente dedicadas ao protagonismo do cotidiano e das resistências de atores sociais hegemonicamente colocados à margem do interesse público e midiático.

Estratégia de fatos não marcados

Em uma primeira aproximação teórica, é importante situar o lugar epistemológico da reflexão sobre o Desacontecimento. O termo aporta, desde o sentido provocativo de seu prefixo latino, ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas Teorias do Jornalismo, especificamente em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para um modo noticioso divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos meios, em vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização (Traquina, 2008), que por um lado precisava de envergadura comercial para se afirmar como



empresa lucrativa, tendo a informação como mercadoria e os leitores como público-consumidor, e por outro almejava assentar sua existência e credibilidade em compasso com valores democráticos, por representações que até hoje pairam sobre o imaginário social, de uma imprensa como porta-voz da opinião pública, defensora da liberdade e da independência e vigia dos poderes instituídos.

Nesse plano de disputas entre necessidades e interesses da profissão, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa (Zelizer, 2000), no que toca à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo, para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, na esteira dos constrangimentos internos e externos de uma atividade institucionalizada, para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme estudos da área (Peucer, 2004; Galtung; Ruge, 1965), privilegia as dimensões de desvio e proeminência social dos fatos.

A obra de Muniz Sodré (2009, p.71) é referencial para a compreensão desse processo: diz o autor brasileiro que os jornalistas partem do “fato em bruto, ou das qualidades indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’”. O relato noticioso, acrescenta, é o desdobramento ou “a ampliação dos fatos sociais segundo parâmetros jornalísticos de tratamento que comportam apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos” (Sodré, 2009, p. 72). Em outras palavras, e para demarcar a acepção elegida nessa pesquisa, a notícia é a construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna esse escopo-central a carregar, em sua configuração, a semântica do exercício de informar.

Desde aí, o ponto-chave que se coloca para a reflexão acerca de modos distintos de noticiar, a partir de uma noção de Desacontecimento, é exatamente a interrogante sobre o trabalho de ordenamento de sentidos ao qual se dedica o sujeito-jornalista na relação com o mundo fenomenal. Recapitulando o que Charaudeau (2009, p. 98) denomina de processo evenemencial, consideram-se três instâncias nessa dinâmica de construção: a) há algo que modifica o ‘estado normal’ das coisas no mundo, b) há um indivíduo dotado de sensibilidade que percebe tal mudança, e c) há a significação que este mesmo sujeito confere a esta mudança, por uma dupla faculdade de “perceber, através de uma



experiência direta, aquilo que os fenômenos têm de potencialmente notável, e estruturar o mundo comentando-o com auxílio da linguagem”. Cabe evidenciar como a lógica do acontecimento se associa à de impacto sensorial e como, assim operando, descarta os aspectos de regularidade e permanência que também envolvem a narrativa social.

Nessa linha, Márcia Benetti (2004) adverte para os riscos de silenciamento que, desde a visada do jornalismo como acontecimento, reside nas angulações e vozes que sua cobertura marginaliza, por um regime discursivo que acaba por gerar, indiretamente, um senso de conformismo coletivo. Resulta inevitável depreender que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. Pelo escopo do Desacontecimento, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, através de uma ênfase a estratégias de narração orientadas aos fatos não marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais. À sombra da desordem aparente, o Desacontecimento configura uma cena cognitiva outra, que se dispõe pela rítmica do espaço-tempo vivido. Insere-se nas margens negligenciadas de protagonismo coletivo e informativo, assim centrando predileção noticiosa à cotidianidade do homem ordinário.

Um primeiro eixo que cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que vincula a cotidianidade à repetição de gestos que, longe de empobrecer os sentidos, nos orienta a uma ontologia originária. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, o apoio e a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com pouco desgaste de energia. As repetições cotidianas, na acepção do filósofo catalão, não são apenas reminiscências ou monotonias; são movimentos adiante, que no compasso do retorno nos abrem o possível futuro, e que na oportunidade do agora nos firmam, cada vez mais intimamente, o lugar das coisas que importam.

A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, desse modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Por essa visada interpretativa, então, a vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividade de criação e recriação permanentes. Na dimensão do cotidiano, a marca distintiva se encontra em um querer viver irreprimível, cuja força ganha forma por uma criatividade instintiva a que Cremilda Medina (2014), em um neologismo muito à brasileira, chama de *sevirol*. Em foco, está uma espécie de capacidade



de sobrevivência do humano ser na inventividade, suas ‘virações’ para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro que o espaço-tempo diário.

Em Michel de Certeau (1996), tal percepção assim se inscreve:

Quanto mais o espaço exterior se uniformiza na cidade contemporânea e se torna constrangedor pela distância dos trajetos [...], mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado onde se inventam ‘modos de fazer’ que tomam valor definitório (Certeau, 1996, p. 206).

A intimidade do que vivemos pelo que nos é próximo, o *bios* cotidiano, manifesta-se em seu pensamento não na esteira de um protagonismo a uma resistência ‘ontológica’, como em Esquirol (2015), mas de um quadro possível de astúcias e táticas sutis que, ainda que articulados em lógica complementar, mais dizem de uma resistência em âmbito social. Em jogo, na obra de Certeau (1996, p. 341), temos a preocupação por uma distinção entre ordinário e massivo justamente para demarcar que, se a segunda simplifica os modelos culturais para ampliar sua difusão, a noção do ordinário salienta um trato com o entorno em função de códigos particulares, como uma “ciência prática do singular [...] que seleciona seus próprios instrumentos de pensamento e suas técnicas de uso em vista desses critérios”.

O interesse do historiador francês, em aprofundar uma reflexão sobre cultura ordinária, é fundamentar a assertiva de que, a despeito das determinações e ordens de estrutura que tentam se impor, a mesma insinua um “estilo de trocas sociais”, ou de invenções técnicas de resistência moral. Em outros escritos, Certeau (1994, p.20) se referiu aos qualificativos da dinâmica cotidiana como “‘uma economia do dom’, ‘uma estética de lances’ e uma ‘ética da tenacidade’”, explicitando as combinatórias de operações que o sujeito, para subverter o estatuto de dominado, lança mão em suas “mil maneiras de caça não autorizada” (p.38). Sua linha interpretativa não nos deixa esquecer de que o cotidiano é também espaço de embates e negociações, que se mobiliza apesar das sistemáticas comerciais, urbanas e midiáticas.

É importante, por isso, apreender que sua analítica sobre a cultura ordinária versa sobre apropriações singulares operadas enquanto dispositivo de antidisciplina – ou táticas articuladas sobre os detalhes do comum para alterar o funcionamento das estruturas tecnocráticas. As práticas da cotidianidade se revestem, desde aí, de um contorno mais



político, em que novos equilíbrios sociais são buscados a partir de tensões com modos de fazer que instauram pluralidades de efeito imprevisto. Há, desse modo, um jogo de “quase-invisibilidade” a encontrar brechas no murmúrio incansável e em outros estilos de ação que “metaforizam a ordem dominante”, fazendo-a funcionar em outro registro (Certeau, 1994, p. 95).

Por isso, dessas duas acepções-fundantes do olhar para a cotidianidade, enquanto repetição que orienta nosso existir e enquanto criação/recriação de sentidos que nos vitaliza em plano individual e social, podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser. Pela noticiabilidade do cotidiano, o Desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos sempre densos em sentido que cada um realiza para permanecer, e se virar, em âmbito íntimo e de convivência coletiva.

Enquanto código de produção à revelia, é importante ainda frisar, a noção de Desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não marcada pelos tradicionais critérios, mas comporta em sua configuração uma dinâmica complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos, a contrapelo da modelagem positivista que perpassa o campo jornalístico (Medina, 2008).

Desacontecimento nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*

De contorno exploratório, esta pesquisa fundamenta-se em arcabouço teórico maturado em estudos anteriores, com vista a analisar a presença do Desacontecimento no jornalismo contemporâneo. Delimita-se, por essa escolha metodológica, o interesse em mapear a cobertura informativa engendrada pelos veículos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, considerando-se a centralidade epistêmica do Desacontecimento nas brechas do *newsmaking* convencional, isso é, seu território favorável nas vias de escape aos constrangimentos diversos que permeiam o exercício jornalístico. Enfoca-se o meio impresso, nesse sentido, justamente em razão de sua tradição no que se refere à agenda noticiosa e à conservação dos valores de sua cultura profissional.

Ainda que em queda, os jornais selecionados concentram, no Brasil, uma média de 120 mil exemplares por dia, o que representa quase um terço da circulação de



impressos, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (2020). Entre reformulações gráficas e editoriais implementadas com maior vigor a partir da segunda metade do século XX, e que não cumpre detalhar neste artigo, as edições continuam a preservar uma gramática informativa que se respalda, especialmente, pelos cadernos de Política/Poder, Economia/Mercado, Internacional/Mundo e Cotidiano/Metrópoles, em complemento das editoriais de Cultura/Ilustrada e Esportes e de edições esporádicas de cadernos especiais. O *corpus* revela, por essas nuances, o intuito em se ater aos processos produtivos característicos ao jornalismo profissional, em seus critérios predominantes (Shoemaker, 2014; Traquina, 2008), como forma de avaliar o alcance do Desacontecimento enquanto estratégia pertinente às narrativas da contemporaneidade.

O recorte temporal do *corpus* também pede anotações. A delimitação de um período de cinco anos, entre 2015 a 2020, corresponde ao interesse de investigar narrativas contemporâneas, pelo levantamento de um escopo capaz de fornecer material denso e robusto para as interpretativas. Dessa fração, é importante ponderar sobre os factuais de destaque que entram em cena na agenda do noticiário brasileiro/paulista. Na faixa analisada, fatos como eleições municipais e presidenciais, escândalos políticos, desastres e crises ambientais e sanitárias precisam ser levadas em conta nessa equação. Isso porque tais ocorrências impõem demandas de produção em termos de alocação de recursos humanos, materiais e financeiros que podem se sobrepor a outros movimentos de pauta e limitar as brechas para escape do Desacontecimento.

Abaixo, apresenta-se em gráfico o quantitativo de matérias jornalísticas identificadas sob a configuração do Desacontecimento, ano a ano, que foram levantadas de acordo com a categorização de seu processo produtivo nos tópicos analíticos de a) protagonismo humano em cotidianidade; b) apuração dialógica²; e c) narrativa autoral³.

² Por Dialogia, faz-se referência a manifestações narrativas que evidenciam o trato repórter-fato-fonte em movimento de proximidade atenta e reconhecimento do Outro: valor às vozes e aos sentidos dos entrevistados; observação aos detalhes e pormenores dos ambientes e realidades reportadas; acuidade com os entornos e problemáticas em cena; entrevista jornalística em contorno de conversação, alteridade e interesse genuíno pelas histórias em relato; protagonismo às relações e sutilezas tecidas pelos sujeitos e expressas nas falas, silêncios e comportamentos, *etc.*

³ Enquanto um processo aberto à mediação e ao trânsito narrativo, a redação do Desacontecimento desdobra-se no elemento definidor da autoria a fim de inscrever o valor da assinatura criativa do repórter no tecido textual. Enfatiza-se o trabalho jornalístico a articular, especialmente, recursos de descrição e composição dialógica, no empenho cuidadoso para traçar, por cada movimento de alteridade e de presentificação, um caminho que aproxime o público da saga individual e coletiva.

Comunicação & Inovação | v. 24 | e20239139 | jan.-dec. | 2023 | ISSN 2178-0145. <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e20239139>



Tabela 1 - Desacontecimento em Ano - O Estado de S. Paulo

Ano	Conteúdo noticioso em configuração de Desacontecimento
2015	77
2016	47
2017	39
2018	35
2019	29
2020	35

Tabela 2 - Desacontecimento em Ano - Folha de S.Paulo

Ano	Conteúdo noticioso em configuração de Desacontecimento
2015	60
2016	39
2017	38
2018	35
2019	23
2020	51

Nessa amostragem, *O Estado de S. Paulo* concentra 262 relatos com contorno de Desacontecimento, e a *Folha*, 246. Em termos de registro mensal, a média de publicação fica em torno de três a quatro matérias, o que revela lacunas nos veículos em relação a estratégias narrativas interessadas em destoar dos tradicionais critérios noticiosos, pela via de aproximação com as histórias de vida e com as camadas de resistência ante às problemáticas coletivas. Picos e declínios nos índices verificados podem ser compreendidos desde o tensionamento de tal matriz à agenda dos factuais de impacto: nos anos de 2018 e 2019, aponta-se a conjuntura de eleições presidenciais e suas implicações políticas, econômicas e culturais na cena brasileira, que podem ter refletido na baixa da amostra; em 2020, nota-se uma elevação que pode estar atrelada ao contexto



de pandemia de covid-19 que, no jornal *Folha de S.Paulo*, contou com relatos orientados à cotidianidade pela seção especial *Aqueles que perdemos*.

a) Dinâmicas narrativas de reconhecimento

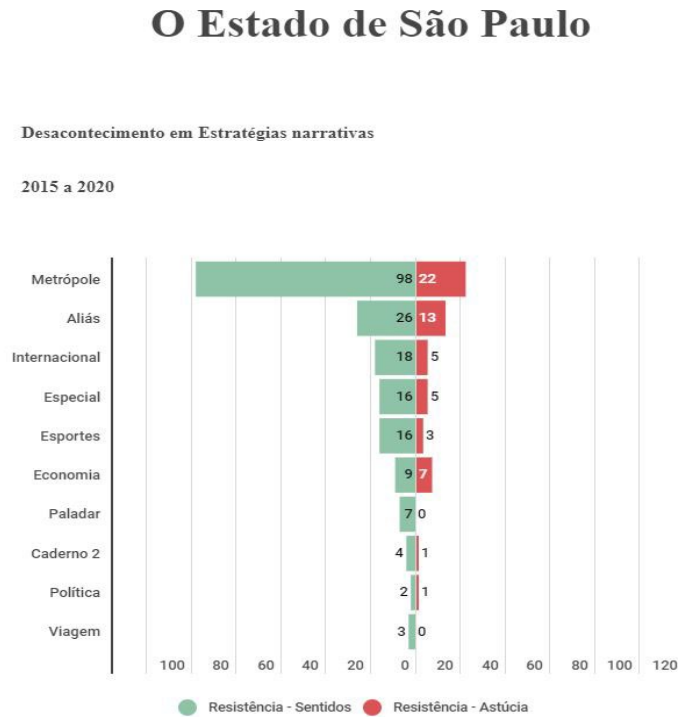
A começar pela dimensão de partida do reconhecimento noticioso, ou da noticiabilidade, aqui pensada no âmbito de uma caracterização do processo informativo, ramifica-se a centralidade noticiosa do Desacontecimento, orientada ao protagonismo humano em Cotidianidade, em resistência pela via dos sentidos e resistência pela via das astúcias sutis. Essa categorização corresponde ao entendimento teórico de fundamentação da matriz, que inscreve o cotidiano enquanto espaço de resistência do homem ordinário, conforme as acepções filosóficas e socio-históricas de Esquirol (2015) e Certeau (1994).

Assumindo na rotina dos dias os movimentos de construção dos sentidos/significação da existência e de astúcias sutis/enfrentamento ante às estruturas impostas, tem-se uma espécie de compreensão associativa da resistência enquanto ação que mobilizamos ora em via íntima, ora em via política e coletiva. Quando, assim, subdivide-se a dinâmica em dois tópicos analíticos, quer-se direcionar de modo mais assertivo o mapeamento e os resultados apurados, até em vista dos nexos que podem ser traçados com a investigação exploratória já realizada do Desacontecimento em editoria e do Desacontecimento em visibilidade. Relacionar, por exemplo, as estratégias narrativas e os cadernos informativos, bem como as estratégias narrativas e as visibilidades, permite inserir em perspectiva o debate acerca das potencialidades e limitações da cobertura noticiosa dos fatos não marcados na imprensa paulista atual.

Cabe ressaltar, evidentemente, que o trabalho de categorizar matérias e, portanto, material qualitativo, em unidades específicas, também estratificadas, representa um desafio metodológico pela própria complexidade narrativa de textos que, em contorno autoral, transitam por recursos diversos e os combinam de acordo com as intenções jornalísticas em pauta. A vinculação do conteúdo, portanto, a um ou outro tópico analítico diz de sua configuração mais evidente, ou marcada, que acaba se sobressaindo em relevo analítico - e que não necessariamente exclui a outra via de noticiabilidade.

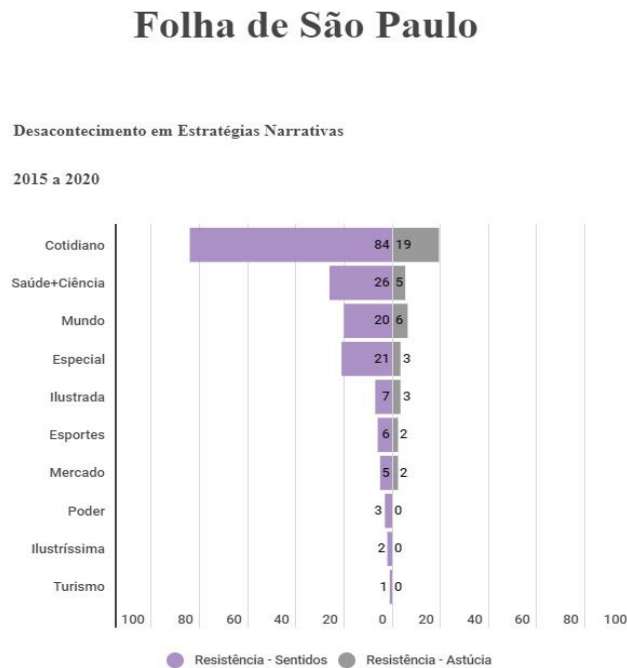


Figura 1 - Saber de reconhecimento do Desacontecimento nas editorias informativas de *O Estado de S. Paulo*, entre 2015 a 2020



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

Figura 2 - Saber de reconhecimento do Desacontecimento nas editorias informativas de *Folha de S. Paulo*, entre 2015 a 2020



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

Os dados revelam um comportamento próximo, em termos de abordagem de cotidiano, nas coberturas dos jornais *Estadão* e *Folha*, com predomínio largo da trilha noticiosa pela resistência dos sentidos em todas as editorias, e uma abertura mais expressiva da vertente das astúcias em cadernos como Economia/Mercado, Internacional/Mundo e, no caso do *Estadão*, do Aliás. MetrÓpole/Cotidiano, como era de se esperar, até em razão de sua inserção como território favorável ao Desacontecimento, abarca tessituras das duas ordens e se mostra, também aqui, como espaço fértil para análise.

No escopo da identificação de dinâmica narrativa atrelada à cotidianidade pela resistência dos sentidos, percebe-se como aspecto característico ao trabalho jornalístico a captura da trama de significados tecida pelo sujeito em centralidade noticiosa - como, no dia a dia de suas rotinas pessoais, profissionais, familiares, há construção e reconstrução de significados em ordem particular, há permanências e virações enquanto enfrentamentos para sustentar histórias de vida, há protagonismo ao plano do comum que concentra ações, gestos, símbolos e formas de perceber o mundo orientadoras.

Na editoria de Cotidiano/MetrÓpole, por exemplo, uma matéria publicada em 03 de abril de 2015, em *O Estado de S. Paulo*, reporta a realidade de seminaristas da Associação Arautos do Evangelho, na Grande São Paulo, na visada de um movimento compreensivo que quer se aproximar de homens e mulheres, estudantes de dez países, que decidem dedicar a vida ao sacerdÓcio e à tradição catÓlica - dentro de um interesse noticioso pelo cotidiano que se faz nos sentidos: o que as vestimentas, ritos litúrgicos, aulas de Filosofia e Teologia e atividades rotineiras à instituição significam para os envolvidos e de que modo conferem direção, inclusive ontológica, ao passo de seus dias. O registro sobre os monges se complementa com um breve perfil de Francisco José Dietzler, que desde o final da 2ª Guerra Mundial, quando deixou a carreira militar para seguir a vocação religiosa, faz penitência e orações pelas vítimas de bombardeios na Alemanha. Evidencia-se, nesse tipo de configuração, a manifestação do Desacontecimento pelo tratamento jornalístico detido a diminutos das histórias de vida: fala-se sobre comunidades religiosas, e mesmo sobre a relação cultura e espiritualidade no Brasil, desde a perspectiva de atores sociais envolvidos com tal cotidiano, por uma centralidade a vidas que se perfazem nessa esteira de significações.

Identifica-se, também, a inclinação pela tessitura dos sentidos cotidianos de foro íntimo em matérias sobre trabalho voluntário em hospitais, sobre detentos em



ressignificação de vida no cárcere, sobre pescadores que subsistem pelos rios, sobre moradores em cuidado com seus lares e jardins, sobre mães que padecem pela enfermidade de seus filhos, sobre migrantes que se reinventam pela preservação dos costumes, sobre artistas que elegem a rua como palco por propósitos, e mesmo de dependentes químicos em rotina de vício de crack, por uma espécie de contorno que mescla biografia e contextual na cobertura das problemáticas contemporâneas.

A Editoria de Cotidiano/Metrópole se inscreve, uma vez mais, como propícia ao Desacontecimento que reconhece a cotidianidade pela resistência dos sentidos, na medida em que abre pauta, em suas brechas, para o desenrolar da vida dos sujeitos anônimos e suas paisagens nas ambiências da cidade, em um espectro que permite uma gama diversa de assuntos, inclusive desde histórias de vida. Visibilidades distintas se acomodam no caderno e encontram, em proeminência, a rota de uma circularidade de hábitos pelos sentidos para compor suas estruturas narrativas.

Em cadernos como o de Esporte, observa-se nuances comuns nos termos das noticiabilidades mapeadas. Há predileção informativa pelo relato do Desacontecimento na seara das significações individuais, com textos que abordam as práticas esportivas por sentidos que fazem e refazem a vida de homens e mulheres imersos neste universo: o *surf* como refúgio de moradores de Gaza; os momentos de crise de atletas anônimos que se aplacam por diminutos de infância; as artes marciais como fonte de autoestima para mulheres com deficiência; a locução esportiva que manifesta a conquista do feminino; os megaeventos pelos que sonham à margem; a prática da várzea para os que vivem entre a realização e o abandono; entre outros, dimensionam a articulação da matriz segundo abordagens ao cotidiano de permanência dos sentidos.

Cabe notar como este trabalho jornalístico, na linha de um saber específico do Desacontecimento, recorrentemente se orienta pelo plano da cultura, na compreensão do plano de significados como condição de existência do humano. Com isso, quer-se dizer que o repórter capaz de apreender a dimensão de cotidiano, de resistências, continuidades e virações, é aquele que, em última instância, compreende que, enquanto seres culturais, somos todos inventores em processo de criação e desconstrução. Sob tal perspectiva, a leitura jornalística da realidade do caderno se amplia e se adensa, com espaço para inclusão de outras angulações e o alcance do esporte no cotidiano intersubjetivo dos sujeitos.



Uma matéria do *Estadão*, a título de ilustração, veiculada em 11 de setembro de 2016, relata a derrocada do time da Portuguesa com risco de rebaixamento para a série D do Campeonato Brasileiro de Futebol. O factual que teria sido contado por uma retrospectiva de desempenho no torneio, com números e comparativos para se atestar da quebra de expectativa, como verificado em coberturas do tipo na dinâmica tradicional, aborda-se pela relação dos torcedores em *Esperança em meio ao caos*: a participação de torcedores junto às categorias de base para trabalhar a formação de novos atletas e tentar reverter o cenário de perdas.

Em destaque, abaixo do texto de centro, uma extensão narrativa registra o convívio familiar de gerações em torno da paixão pelo clube - pai, filho e neto, de descendência portuguesa, compartilham o torcer como vínculo e sentido de identidade, por um estar-juntos que se combina dentro e fora dos estádios. Há uma rede de significados, de natureza íntima e familiar, que abastece o cotidiano desses sujeitos pelo futebol e, particularmente, pela Portuguesa. O olhar cultural de produção de sentidos alarga a informação de impacto para o lance dos afetos que sustenta tais práticas.

O caderno de Internacional, pelo teor de sua cobertura informativa, tem a distinção de abordagem pelo Desacontecimento manifesta, especialmente, em visibilidades de migrações, refugiados e trabalho humanitário. Apreende-se, também no tocante às estratégias narrativas, o recurso de contar da cotidianidade pelo escopo do simbólico que atravessa os trajetos e deslocamentos: migrantes que se sustentam pela arte fora dos seus países; veteranos de guerra que precisam se re-inserir nas rotinas de origem; refugiados em luta contra a segregação; famílias que acolhem estrangeiros em período de adaptação; mulheres em enfrentamento de escravidão sob domínio do Estado Islâmico; e outras pautas que, no domínio da tessitura textual, arranjam-se no contorno dos pensamentos, intenções, buscas e sentidos-guia dos indivíduos em relato.

Em exemplar da edição do *Estadão* de 22 de novembro de 2015, tem-se uma referência interessante ao trabalho jornalístico de angular assuntos duros, nos termos da complexidade da questão do *ihadismo* na Europa, pela ordem compreensiva do cotidiano. *Nos guetos, as origens do radicalismo* se aproximam de jovens, descendentes de imigrantes muçulmanos, que enfrentam a frustração de viver altos índices de desemprego e má formação escolar nos redutos periféricos de Paris. À marcação desviante de associar geografia e cultura a práticas de contravenção, inscreve-se tratamento noticioso que busca se colocar, *in loco*, junto aos sujeitos e regiões reportados,

Comunicação & Inovação | v. 24 | e20239139 | jan.-dec. | 2023 | ISSN 2178-0145. <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e20239139>



para contar de uma estigmatização que, em seu cerne, carrega o fracasso do Estado em promover a integração das populações e combater o sentimento de exclusão desses grupos.

Na rotina de Karim Abdel, jovem de 19 anos nascido na França, os dias transcorrem na companhia de amigos em uma quadra de esportes do centro de Courcouronnes. Assim como ele, mais de 50% dos muçulmanos que residem em países da Europa não terminaram a escola. Os governos se defendem, tal qual apurado na matéria, com a justificativa dos benefícios sociais dedicados a essas parcelas:

Abdel, porém, insiste que não quer esmolas. “O que mais me deixa assustado é que vejo que meus amigos que estudaram estão praticamente na mesma situação que a minha”, disse. “Você acha que quando um francês com cara de árabe vai buscar um emprego ele tem alguma chance contra um monte de brancos?” (Chade, 2015, p. A16⁴).

A apreensão dos sentidos, pelas falas, pensamentos, impressões e atitudes daqueles que, dia a dia, lidam com violências estruturais e culturais, sob uma das problemáticas contemporâneas mais urgentes à política social, em nível global, confere matizes humanas e de contexto a uma cobertura que, para além do reportar, quer desvelar caminhos de respostas às questões do século. A visada da mudança, ou de um avançar à resolução dos conflitos, passa por um movimento de entendimento acerca da vida cotidiana e das tessituras de significações que sustentam o concreto e o imaginário da realidade migratória.

No caso da *Folha*, a matéria *O que os imigrantes de São Paulo têm a dizer?*, de 15 de outubro de 2019, assume contorno narrativo alinhado ao exercício compreensivo de se vincular jornalismo e cotidianidade - na escuta de homens em rota de adaptações, descobertas e permanências na capital que mais recebe estrangeiros do Brasil. Japoneses, colombianos, sul-africanos, portugueses e sírios contam de sua experiência cotidiana nos sentidos que os aproximam, e mesmo distanciam, da cultura brasileira: o gosto pela música e pela dança, o sabor da gastronomia, o apreço pelo clima e pelas pessoas, pela atmosfera e alegria das ruas, são elencados como afetos orientadores do ser-estar na nova realidade.

⁴ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20151122-44595-nac-1-pri-a1-not>. Consultada em: 25 de maio de 2023.



A outra via de reconhecimento ao cotidiano, no âmbito da cobertura de fatos não marcados, acessa o protagonismo humano pelas resistências sociais que se articulam em táticas e astúcias sutis - e não tem presença expressiva no tocante aos dados levantados. Ao predomínio editorial de uma cotidianidade pelos sentidos, o caderno de Economia/Mercado é o exemplar mais notável de posição a essa abordagem, especialmente no jornal *O Estado de S. Paulo*. Isso se compreende, em certa medida, por uma configuração jornalística inclinada a tratar de questões estruturais largas, como atividades industriais e de serviços, pela dimensão do *sevirol* anônimo nas dinâmicas de trabalho do país.

Visibilidades de Desemprego e Pobreza, sobretudo, concentram a noticiabilidade da editoria pelo registro informativo à precarização empregatícia, ao mercado de informalidade, às desigualdades sociais, e a iniciativas de empreendedorismo que se constroem por ações populares. Em mesmo plano composicional de matérias de orientação noticiosa hegemônica, sobre decisões financeiras e operações públicas e privadas, os textos mapeados como Descontencimento, em lógica de astúcias sutis, versam sobre os enfrentamentos comuns ante as políticas e sistemas econômicos do Estado.

Se, por um lado, a dimensão da circularidade íntima permite explorar dos diminutos cotidianos que orientam as buscas dos atores sociais, em termos, por exemplo, de ações pelo sustento da família, por realizações pessoais ou profissionais, entre outros; a categoria da tenacidade acresce às produções jornalísticas uma abordagem de teor mais contextual: percebe o coletivo que resiste, no tecido diário, a macroquestões de governança, cidadania, direitos fundamentais, políticas públicas e planejamento do Estado frente ao setor econômico.

No *Estadão*, a reportagem *Vivendo na casa de pau a pique e na casa-grande*, de 23 de dezembro de 2020, problematiza o déficit habitacional, enquanto face aparente da desigualdade, pela jornada de brasileiros que, tal qual descrito no clássico *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, seguem em cultivo de cana e sem lar - no macro, tem-se referência ao aspecto antropológico que atravessa a questão da moradia, e que ultrapassa, inclusive, a disputa ideológica entre socialismo e capitalismo; no micro, conta-se dos trabalhadores que se articulam na Zona da Mata de Pernambuco para enfrentar as negligências do Estado.



Desde que começou a trabalhar com cana, aos 8 anos, Severino morou em muitos engenhos. “Trabalhava no campo, cortando cana, tirando conta, cambitando, enchendo caminhão. Fazia de tudo. Aí foi chegando a idade, o emprego foi ficando mais difícil”. [...] Hoje, a ocupação de Severino é a venda de tarrafa, um tipo de rede de pesca. “Uma semana arruma R\$100, na outra, R\$50, uma semana não arruma nada. E vai levando a vida devagarzinho”, diz. [...] Com um quarto, a casa de Severino foi construída em uma área habitada por integrantes do Movimento sem Terra (Fernandes; Tomazelli, 2020, p. B5⁵).

De igual modo, evidencia-se um limitado aproveitamento do potencial do Desacontecimento na cobertura de cultura, que poderia ser melhor explorado por uma imbricação possível entre o reconhecimento do cotidiano pela resistência dos sentidos e pela resistência das astúcias, considerando-se o simbólico íntimo e as estruturas coletivas que permeiam o fazer artístico. Na linha das reflexões desenvolvidas anteriormente, a estratégia narrativa da cotidianidade se mostra como caminho para aproximar o jornalismo das práticas inventivas dos anônimos - como, por exemplo, a música, a pintura, as artes plásticas, o grafite, entre outros arranjos culturais, orienta em significado e enfrentamento indivíduos e grupos sociais ante à realidade do país.

Considerações Finais

A narrativa do Desacontecimento se manifesta nas margens do contexto produtivo dos diferentes cadernos dos veículos de imprensa, por frestas abertas na agenda informativa e pela iniciativa autoral conferida às abordagens. Em meio à vitrine noticiosa diária, a matriz se firma em registros atentos ao protagonismo humano como cerne jornalístico, com especial vigor em temas sociais e culturais e em espaços mais abertos a outros arranjos editoriais. Sob essa posição produtiva, o Desacontecimento se insere em um campo noticioso de permanente disputa e negociação frente aos critérios e convenções estabelecidos pela comunidade profissional, enquanto estratégia que, por não marcar os fatos, precisa volver brechas para situar outras possibilidades noticiosas na esteira das angulações desviantes e proeminentes que tradicionalmente orientam a realidade informada.

⁵ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20201223-46453-nac-1-pri-a-1-not> . Consultado em: 25 de maio de 2023.



Sua matriz dá forma às visibilidades que tece, nos termos de uma caracterização do processo informativo, por uma orientação noticiosa que acessa o cotidiano ordinário pela rota que trata dos movimentos de resistência segundo a construção dos sentidos/significação da existência e das astúcias sutis/enfrentamento ante as estruturas impostas. Isso porque tal prática assume uma compreensão associativa da noção de resistência enquanto ação que mobilizamos ora em via íntima, ora em via política e coletiva. Em pesquisa exploratória, pôde-se constatar, na cobertura de ambos os jornais, um predomínio destacado da rota noticiosa pela resistência dos sentidos em todos os cadernos mapeados, com ênfase ao de *Metrópole/Cotidiano*, devido a sua inserção como território favorável ao Desacontecimento, por uma centralidade às rotinas pessoais, profissionais e familiares que se desenrolam no urbano, no âmbito dos enfrentamentos que se articulam para sustentar histórias de vida.

Em *Cultura e Esportes*, também se observa uma incidência propícia ao relato da cotidianidade pela ordem das significâncias-micro, com textos que abordam as práticas que fazem e refazem a vida de homens e mulheres imersos nesses universos; ainda que seja necessário pontuar a possibilidade de um aproveitamento mais amplo de coberturas culturais para também se tratar da resistência pelas astúcias, considerando-se as estruturas coletivas que permeiam o fazer artístico.

Editorias como *Economia/Mercado* e *Internacional/Mundo* parecem conferir uma abertura mais expressiva a uma tal vertente, em razão mesmo de uma captação aos enfrentamentos sociais ante as violências do Estado: a categoria acresce às visibilidades de migrações, refugiados, trabalho humanitário, desemprego e pobreza uma abordagem de teor mais contextual relevante para evidenciar o tecido social que resiste, na roda diária, a questões de governança, cidadania, direitos fundamentais e políticas públicas.

Por fim, a discussão sobre o Desacontecimento em estratégias narrativas, especificamente no tocante ao reconhecimento da cotidianidade enquanto valor noticioso, elucida a articulação feita, no âmbito de imprensa tradicional, do acesso ao protagonismo humano pela via das resistências, identificando potencialidades e lacunas de acordo com editorias e visibilidades construídas. Trata-se de apontamentos que, em análise e dados, amadurecem a reflexão sobre propositivas para a aplicação do Desacontecimento na narrativa jornalística contemporânea, considerando-se as dinâmicas de produção e particularidades observadas em cada veículo e caderno informativo.



Referências

ACERVO FOLHA (São Paulo). **Folha de São Paulo**. São Paulo. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em 12 maio 2023.

ACERVO ESTADÃO (São Paulo). **O Estado de São Paulo**. São Paulo. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em 12 maio 2023.

ALSINA, M. **La construcción de la noticia**. Nueva edición revista y ampliada. Barcelona: Paidós, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2016.

BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor)*, 7., 2004, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESQUIROL, J. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.

ESQUIROL, J. **La resistencia íntima: ensayo de una filosofía de la proximidad**. Barcelona: Acanalado, 2015.

GALTUNG, J.; RUGE, M. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, v.2, n.1, pp.64-91, 1965.

MEDINA, C. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.2, p.13-29, 2004.

SHOEMAKER, P. Prefácio. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. (Orgs).* **Critérios de noticiabilidade - problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *In: TRAQUINA, Nelson (Org).* **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

ⁱ Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, Brasil.

